O brincar e a ludicidade na educação infantil

Luana Lodi Lima[1]
Lucimara Souza de Jesus[2]
Talita de Freitas[3]
Ana Cristina Vigliar Bondioli[4]

Resumo

O brincar é reconhecido como uma linguagem própria da infância, por meio da qual a criança expressa sentimentos, ideias e compreensões sobre o mundo que a cerca. Compreender a importância da ludicidade é essencial para a construção de práticas pedagógicas mais humanizadas, criativas e significativas. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza descritiva, fundamenta-se em referenciais teóricos que discutem o papel do brincar no desenvolvimento integral das crianças. O estudo teve origem nas observações realizadas em um Centro de Educação Infantil (CEI) e em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), com foco nas experiências lúdicas vivenciadas por bebês e crianças e em como essas práticas contribuem para a aprendizagem. Os resultados indicam que a ludicidade, quando intencionalmente incorporada às práticas pedagógicas, potencializa a construção de saberes, a autonomia e o protagonismo infantil, reafirmando o brincar como um direito e um eixo estruturante da Educação Infantil.

Palavras chaves: Brincar; Ludicidade; Educação infantil.

Introdução

O ato de brincar acompanha o ser humano em todas as etapas da vida e, por isso, tornou-se um elemento central nos estudos pedagógicos (Menezes, 2013). Compreender como a ludicidade se relaciona ao desenvolvimento infantil e identificar as práticas pedagógicas que dela resultam no cotidiano escolar é essencial para reconhecer sua contribuição no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Tomazzetti e Santos (2017), a criança brinca enquanto cria, e cria enquanto brinca, o brincar é, portanto, sua principal forma de aprender e interagir com o mundo. Por meio da imaginação e da ludicidade, as crianças constroem significados, experimentam possibilidades e produzem cultura. Essa dimensão criadora transforma o ato de brincar em uma poderosa ferramenta de resistência e expressão, que amplia as formas de ser, estar e aprender na infância.

[1-4]Universidade Santo Amaro

O brincar e o imaginar são temas recorrentes em diferentes campos do conhecimento. Obras como Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura, de Huizinga, e os estudos de Kishimoto, Corsaro, Brougère e Vygotsky, entre outros, sustentam a compreensão do brincar como uma prática social e cultural que influencia diretamente o desenvolvimento humano. Tais estudos, de base sociológica, psicológica, antropológica e pedagógica, têm inspirado novas perspectivas sobre o papel das brincadeiras na educação.

A ludicidade, portanto, não deve ser vista como mero entretenimento, mas como um instrumento fundamental para a construção de conhecimentos, para o desenvolvimento socioemocional e para o fortalecimento da criatividade e da autonomia infantil. Conforme Menezes (2013), ao propor experiências significativas de brincar, o professor cria oportunidades para que as crianças explorem, descubram, interajam e construam saberes de forma prazerosa e significativa.

Nesse sentido, o brincar é reconhecido como uma linguagem própria da infância, por meio da qual a criança expressa sentimentos, ideias e compreensões sobre o mundo que a cerca sendo compreendida como parte fundamental do processo educativo, pois estimula o desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e social. É nas brincadeiras que experimenta, cria hipóteses, resolve conflitos e desenvolve competências essenciais para sua formação integral.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reafirma essa concepção ao reconhecer o brincar como um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, devendo estar presente em todas as práticas pedagógicas da Educação Infantil. Cabe ao professor criar um ambiente acolhedor e desafiador, que estimule a imaginação, a curiosidade e o protagonismo das crianças.

A legislação educacional brasileira, especialmente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), também orienta escolas e creches a utilizarem atividades lúdicas como recursos pedagógicos que favorecem o desenvolvimento infantil por meio de jogos, brinquedos, brincadeiras e experiências musicais.

Dessa forma, compreender a ludicidade como parte essencial da prática docente significa reconhecer o brincar como um direito e um caminho para o desenvolvimento integral. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a relevância da ludicidade no processo de aprendizagem na Educação Infantil, a partir de observações realizadas nas unidades educacionais CEI e EMEI, buscando responder à seguinte questão: como integrar a ludicidade às práticas pedagógicas de modo eficaz, de forma a potencializar as aprendizagens das crianças?

Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva, por compreender que o fenômeno do brincar e da ludicidade não pode ser traduzido apenas em dados numéricos, mas exige uma análise interpretativa e contextualizada das práticas pedagógicas. O estudo fundamenta-se em referenciais teóricos que discutem a importância da ludicidade na Educação Infantil, como Kishimoto (2011), Vygotsky (1998) e Brougère (1998), os quais reconhecem o brincar como uma linguagem essencial da infância e um meio privilegiado de aprendizagem.

O campo empírico da pesquisa foi um Centro de Educação Infantil (CEI) e uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), onde foram realizadas observações diretas e participantes das vivências de bebês e crianças durante momentos de brincadeira livre e propostas pedagógicas mediadas pelas professoras. As observações ocorreram em diferentes momentos da rotina escolar, possibilitando identificar como o brincar é incorporado às práticas educativas e quais aprendizagens emergem a partir dessas experiências.

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados diário de campo e roteiro de observação permitindo analisar expressões, interações e comportamentos das crianças em situações lúdicas. Esses instrumentos possibilitaram compreender como a ludicidade se manifesta nas relações entre crianças, professoras, espaços e materiais.

Os registros foram posteriormente organizados e analisados de forma descritiva e interpretativa, à luz dos referenciais teóricos e dos documentos orientadores da Educação Infantil, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) e o Currículo da Cidade (São Paulo, 2022). Essa análise buscou evidenciar como as experiências lúdicas contribuem para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e criativo das crianças, além de refletir sobre o papel do professor como mediador das aprendizagens.

Compreende-se, portanto, que o brincar, mais do que um passatempo, é um direito das crianças e uma ferramenta metodológica potente para a construção de saberes significativos, sendo a observação um caminho privilegiado para compreender essa dimensão no cotidiano escolar.

Desenvolvimento

Fundamentos teóricos sobre o brincar e a ludicidade

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reconhece o brincar como um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, reafirmando que as experiências lúdicas favorecem a cognição, a socialização, a criatividade e a expressão de sentimentos. O brincar, portanto, é um instrumento pedagógico essencial e deve estar integrado ao cotidiano da Educação Infantil, de forma intencional e significativa.

De acordo com Kishimoto (1999), quando as situações lúdicas são criadas com intencionalidade pedagógica, surge uma dimensão educativa que favorece aprendizagens reais e significativas. A autora afirma que utilizar o jogo na Educação Infantil significa unir prazer e aprendizagem, potencializando o desenvolvimento da criança. Assim, o brincar, quando mediado pelo educador, torna-se um ato educativo consciente, que respeita o ritmo, o interesse e a singularidade infantil.

O brincar contribui para o desenvolvimento de diversas capacidades, como atenção, memória, imaginação, imitação, cooperação e socialização. Além disso, fortalece dimensões importantes da personalidade infantil, como afetividade, motricidade, cognição, sociabilidade e criatividade. Kishimoto (2011) ressalta que o brincar é essencial na educação infantil, pois, ao mesmo tempo em que diverte, também educa, sendo um recurso indispensável para a construção do conhecimento.

Piaget (1975) entende o brincar como um espaço de assimilação e acomodação de novas experiências, enquanto Vygotsky (1998) destaca que o faz de conta amplia a zona de desenvolvimento proximal, permitindo à criança ir além do que conseguiria sozinha. Já Brougère (1998) compreende a brincadeira como uma prática cultural e social, na qual a criança constrói sentido, interage e aprende sobre o mundo.

Nesse sentido, o brincar não é mero passatempo, mas uma forma legítima de aprender, comunicar-se e desenvolver-se. A ludicidade se revela como um modo de ser e estar na infância, que deve ser acolhido e promovido pela escola.

A ludicidade na prática educativa

O brincar não pode ser visto apenas como um momento de recreação, mas sim como uma experiência complexa, fundamental para o desenvolvimento integral da criança. Brincar é uma forma de linguagem, por meio da qual a criança se comunica consigo mesma, com o outro e com o mundo. Durante as brincadeiras, estabelecem-se interações que favorecem aprendizagens, estimulam a criatividade e possibilitam

descobertas que acompanham a criança ao longo de toda a sua vida.

O brincar é compreendido como um recurso pedagógico indispensável, que deve ser incorporado diariamente às práticas educativas. A ludicidade, quando utilizada de forma intencional pelo professor, torna-se instrumento para potencializar aprendizagens, respeitando a natureza imaginativa e prazerosa da infância. A ludicidade deve valorizar a individualidade de cada criança, respeitando seu tempo, ritmo, interesses e formas próprias de se expressar. O ato de brincar não deve ser limitado a classificações ou categorias criadas pelos adultos, pois tais enquadramentos desconsideram a riqueza das experiências singulares que cada criança vivencia. O brincar, quando respeitado em sua essência, permite que a criança se coloque como protagonista do processo educativo, desenvolvendo a criatividade, a imaginação, a autonomia e a capacidade de resolver problemas.

No contexto observado, em um Centro de Educação Infantil (CEI), as práticas pedagógicas demonstraram preocupação em garantir momentos de brincadeiras livres e dirigidas, valorizando o protagonismo infantil. As professoras elaboravam propostas pedagógicas (termo utilizado pela rede municipal em substituição a "atividades") que articulavam cuidado, brincadeira e aprendizagem.

As crianças tinham liberdade para escolher com o que brincar, como organizar os jogos e de que forma interagir com os colegas. O papel das professoras era o de mediadoras, intervindo de maneira sensível para ampliar aprendizagens, incentivar o diálogo e assegurar que o brincar ocorresse em um ambiente seguro e inclusivo.

Essas observações evidenciaram que, ao brincar, as crianças negociam regras, expressam emoções, criam narrativas e constroem conhecimentos sobre si mesmas e sobre o mundo. Conforme Matos (2013), a ludicidade é uma ferramenta essencial para a formação das crianças, pois por meio dela desenvolvem saberes, conhecimentos e compreensões de mundo.

Entretanto, ainda se observam práticas escolares que restringem o brincar a momentos isolados, como o "dia do brinquedo" ou o tempo de parque. Essa concepção limitada reduz o potencial formativo da ludicidade e a afasta do centro das práticas pedagógicas. Valorizar o brincar como linguagem implica repensar a organização do tempo, do espaço e das intenções educativas, garantindo às crianças o direito de aprender de forma prazerosa e criativa.

O brincar como linguagem e prática transformadora

Zanluchi (2005) enfatiza que, ao brincar, a criança se prepara para a vida, uma vez que a atividade lúdica possibilita o contato com o mundo físico e social, permitindo compreender como as coisas funcionam e se organizam. Piaget (1975) também afirma que o brincar é uma forma privilegiada de aprendizagem, na

medida em que possibilita a assimilação de novos conceitos e favorece a construção do pensamento. Vygotsky (1991), por sua vez, destaca que, por meio do brincar, a criança desenvolve funções psicológicas superiores, como a imaginação e a capacidade de autorregulação, além de vivenciar a chamada "zona de desenvolvimento proximal", ampliando suas potencialidades por meio das interações sociais.

Portanto, o brincar deve ser compreendido como um direito da criança, garantido inclusive pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que aponta a ludicidade como eixo estruturante da Educação Infantil. Ao brincar, a criança não apenas se diverte, mas também aprende, cresce, cria, experimenta e se prepara para lidar com os desafios da vida em sociedade.

A ludicidade assume também uma dimensão política e transformadora, especialmente quando articulada às ideias de Paulo Freire (1987, 2011). O autor defende uma educação dialógica, crítica e criadora, em que o professor e o aluno constroem juntos o conhecimento. Aplicada à Educação Infantil, essa perspectiva significa reconhecer a voz da criança e sua capacidade de criar, imaginar e reinventar o mundo.

O método freireano, ao romper com o modelo de ensino tradicional, convida o professor a promover práticas que partam da realidade e do interesse das crianças. Assim, o brincar torna-se um meio de expressão e de leitura do mundo, estimulando a autonomia, a imaginação e a autoria infantil.

Com a mediação do professor, as crianças sentem-se mais confiantes e motivadas para criar suas próprias brincadeiras, uma vez que a presença do adulto lhes transmite segurança. Dentro dessa perspectiva de uma educação criativa e motivadora, podemos destacar o método de Paulo Freire, que pode ser aplicado no contexto da Educação Infantil para tornar as propostas pedagógicas mais significativas e lúdicas.

Esse método rompe com o modelo tradicional de ensino, que centraliza o conhecimento no professor, e propõe uma prática baseada no diálogo, na criticidade e na livre expressão das crianças. Para Freire (1987), ensinar não deve se limitar à transmissão de conteúdos, mas sim a uma construção conjunta entre educadores e educandos, evitando o que ele denomina de "educação bancária", onde o aluno apenas recebe informações sem participar ativamente do processo.

Ao propor atividades lúdicas intencionais — como jogos simbólicos, dramatizações, contação de histórias e exploração de materiais variados —, o professor amplia o potencial de aprendizagem e cria um ambiente onde o conhecimento nasce da curiosidade e da experiência.

Essa concepção está em consonância com o Currículo da Cidade da Educação

Infantil (São Paulo, 2022), que reconhece as crianças como sujeitos de direitos e protagonistas de suas próprias aprendizagens. Ao oferecer propostas abertas e acolhedoras, as educadoras favorecem a expressão individual, o diálogo e o convívio coletivo.

Quando o processo educativo é dialógico, a relação entre educador e educando se constrói de forma coletiva, resultando não em um conhecimento único, mas em saberes compartilhados. Nesse sentido, Freire (2011) ressalta que ensinar não significa transferir informações prontas, mas construir um processo em que tanto o docente quanto o discente aprendem em conjunto.

Reflexões sobre as observações realizadas

No CEI, o brincar está sempre presente na rotina. As crianças exploram os espaços com curiosidade e entusiasmo. A cada dia surgem novas descobertas durante as brincadeiras. Em pequenos grupos ou em duplas, combinam regras, resolvem situações e encontram jeitos diferentes de se divertirem juntas.

Os registros feitos em fotos e no diário de bordo mostram muitos desses momentos. Em uma tarde no parque, por exemplo, surge ajuda espontânea quando um colega precisa subir na escada do escorregador. Nas construções com blocos, aparecem ideias criativas e tentativas que vão ficando cada vez mais fortes com o tempo.

No faz de conta, o mundo se transforma: cozinhar, cuidar de bonecos, ser super-herói ou motorista de ônibus. Histórias nascem das conversas e da imaginação. Segundo Vygotsky (1998), ao brincar de faz de conta, a criança cria situações imaginárias que ajudam a compreender o mundo ao seu redor e a desenvolver linguagem, emoção e interação com os colegas. Já nos desenhos e nas artes, cada criança faz do seu jeito, escolhendo cores e criando aquilo que deseja mostrar.

A ludicidade é parte do crescimento das crianças. Enquanto brincam, aprendem a compartilhar, esperar a vez, cuidar dos materiais e expressar sentimentos. Pequenas conquistas acontecem todos os dias, e cada gesto mostra o quanto se desenvolvem quando têm tempo e espaço para brincar.

A sala multiuso da unidade é um espaço onde surgem muitas descobertas. Lá acontecem brincadeiras que incentivam o equilíbrio e a coordenação. Quando conseguem realizar um novo desafio, os sorrisos mostram a alegria de avançar um passo de cada vez.

Também há vivências com materiais não estruturados, como: caixas, potes, tampinhas e outros objetos que permitem diferentes possibilidades. As crianças investigam, testam e montam criações inesperadas. De acordo com Kishimoto

(2011), quando a criança tem acesso a diferentes materiais, ela pode explorar, imaginar e criar, desenvolvendo autonomia e ampliando suas experiências de aprendizagem. A cada montagem e desmontagem, aparece uma nova ideia, mostrando o quanto o pensamento se amplia no brincar livre.

Durante todas essas experiências, é visível o quanto as crianças aprendem convivendo com o grupo. Cuidam, acolhem, chamam o colega para brincar e constroem amizades. A ludicidade faz parte da rotina e contribui para que a aprendizagem aconteça de forma leve e prazerosa.

Durante as observações no CEI, constatou-se que o brincar contribui para o desenvolvimento de múltiplas dimensões, como: Cognitiva, ao estimular a atenção, a memória e a resolução de problemas; social, ao favorecer a cooperação, a empatia e o respeito às regras coletivas; emocional, ao permitir a expressão de sentimentos e a elaboração de conflito e motora, ao desenvolver coordenação, equilíbrio e percepção corporal.

Essas dimensões se entrelaçam, mostrando que o brincar é um eixo integrador do desenvolvimento infantil. Além disso, as práticas lúdicas observadas reforçam que a presença do professor como mediador afetivo e intencional é decisiva para transformar o brincar em aprendizagem.

De acordo com Kishimoto (2011) e Vygotsky (1998), o educador deve criar condições para que o jogo e a brincadeira mantenham o caráter de liberdade e prazer, mas sem perder de vista sua potência formativa. Assim, brincar é, ao mesmo tempo, expressão da infância e metodologia pedagógica.

Como destaca Freire (2011), cabe à escola respeitar e dialogar sobre os saberes que os educandos já possuem, especialmente os oriundos de práticas sociais e comunitárias, incluindo os jogos e brincadeiras.

Os educadores que se apoiam nesse método deixam de lado posturas autoritárias e adotam a dialogicidade como caminho de transformação, promovendo uma educação que não apenas se adapta à realidade, mas busca transformá-la junto com os sujeitos envolvidos.

Na EMEI, as vivências das crianças acontecem por meio de diversas experiências que promovem o desenvolvimento integral. Entre elas estão as brincadeiras livres e dirigidas, que envolvem a exploração de brinquedos, jogos de faz de conta, blocos, casinha e outras atividades que estimulam a imaginação, a linguagem e a socialização. Também fazem parte do cotidiano as vivências artísticas, como: pintura, colagem, música, dança, teatro e modelagem, que favorecem a expressão de sentimentos e a criatividade. Além disso, as vivências de movimento, como circuitos motores, brincadeiras no pátio, danças e jogos cooperativos, contribuem para o desenvolvimento da coordenação, do equilíbrio e da consciência

corporal.

Essas experiências estão em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orienta a Educação Infantil a partir dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, assegurando que a criança aprenda por meio das interações e das brincadeiras. A BNCC também organiza o trabalho pedagógico em campos de experiências, como "O eu, o outro e o nós", "Corpo, gestos e movimentos", "Traços, sons, cores e formas", "Escuta, fala, pensamento e imaginação" e "Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações", os quais estão diretamente relacionados às vivências realizadas na Escola.

As vivências são registradas de diferentes formas, conforme a rotina de cada unidade e as orientações da Secretaria de Educação. Os principais documentos utilizados são os portfólios dos alunos, que contêm registros individuais, desenhos, fotos, produções e observações da professora, mostrando o percurso de aprendizagem de cada criança. Outro instrumento importante é o diário de bordo ou registro reflexivo do professor, onde são anotadas as experiências vividas, as reflexões sobre o dia, os avanços e os desafios do grupo, podendo ser realizado de forma diária ou semanal. Esses registros também cumprem o que o documento Práticas Pedagógicas na Educação Infantil propõe: "documentar os processos de aprendizagem das crianças para planejar e replanejar as práticas pedagógicas, respeitando o ritmo, os interesses e as potencialidades de cada uma."

As observações ressaltam que o papel do educador na Educação Infantil é oferecer propostas criativas que incentivem a criticidade das crianças a partir de sua realidade, permitindo que elas recriem o mundo à sua volta. Ao conceder autonomia, a criança torna-se capaz de compreender e atuar sobre suas experiências, assumindo-se como sujeito da própria história.

Quando o processo educativo é dialógico, a relação entre educador e educando se constrói de forma coletiva, resultando não em um conhecimento único, mas em saberes compartilhados. Nesse sentido, Freire (2011) ressalta que ensinar não significa transferir informações prontas, mas construir um processo em que tanto o docente quanto o discente aprendem em conjunto.

Nas Unidades Educacionais onde as observações aconteceram, foi possível analisar como as crianças interagem durante o brincar. No CEI, durante um momento de interação na sala, uma das crianças pegou um brinquedo muito desejado por todos, chamado por eles de "bebê pintinho". Como constantemente existe disputa por esse brinquedo, outra criança tentou puxá-lo e a criança que estava com ele acabou chorando. Ao perceber a situação, o colega devolveu o brinquedo e sugeriu que brincassem juntos, mostrando cuidado e vontade de resolver o conflito de forma amigável.

Na EMEI, um grupo de crianças estava construindo uma "casa" com blocos grandes de encaixe. Em determinado momento, duas crianças começaram a discutir porque uma delas queria usar as peças que a outra já havia separado. A conversa ficou mais acalorada e as duas começaram a se afastar do grupo. Percebendo a situação, a professora se aproximou e incentivou as crianças a conversarem sobre o que havia acontecido. Uma delas explicou que precisava das peças para terminar a parede e a outra disse que também queria participar. Juntos, com a mediação da professora, pensaram em uma solução e decidiram reconstruir a casa, dividindo as peças de forma que todos pudessem colaborar. Com o diálogo e a mediação do adulto, as crianças conseguiram resolver o conflito de forma pacífica, valorizando a cooperação e o respeito.

Situações como essas revelam o quanto o brincar é fundamental na educação infantil. É por meio das brincadeiras que as crianças aprendem a compartilhar, negociar, expressar sentimentos e considerar o outro. Nesse simples gesto de devolver o brinquedo e propor que brincassem juntos, pôde-se observar a construção de vínculos, a empatia e o desenvolvimento das habilidades sociais, que acontecem de forma espontânea quando o brincar é valorizado no cotidiano escolar.

Diante desses apontamentos, evidencia-se que a valorização do brincar vai além de disponibilizar brinquedos ou reservar horários específicos para atividades recreativas. Implica repensar a organização do tempo, do espaço e das práticas pedagógicas, garantindo à criança o direito de aprender de forma significativa, respeitando sua natureza curiosa, ativa e criativa.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, foi possível compreender que o brincar é muito mais do que uma simples atividade de lazer. Ele é parte essencial do desenvolvimento infantil e um meio poderoso de aprendizagem. A ludicidade favorece o crescimento integral da criança, estimulando aspectos cognitivos, motores, afetivos e sociais. Por meio das brincadeiras, as crianças exploram o mundo, expressam sentimentos, aprendem a se relacionar e constroem novos conhecimentos de forma prazerosa e significativa.

As análises permitiram compreender que as experiências lúdicas, quando planejadas com intencionalidade pedagógica, promovem aprendizagens significativas e fortalecem o vínculo entre professor e criança. O brincar revela-se, portanto, um caminho privilegiado para o desenvolvimento integral e para a construção de uma prática educativa mais sensível, dialógica e transformadora.

Observou-se que o papel do professor é fundamental nesse processo, pois é ele quem cria e organiza situações que possibilitam o brincar de forma intencional e

educativa. Vale ressaltar também que profissionais da psicopedagogia utila o brincar no ensino, pois eles aprendem os conteúdos que tem dificuldade através do lúdico, e das brincadeiras internacionais. Quando o educador reconhece o brincar como linguagem e como direito, ele passa a enxergar a criança como protagonista da sua própria aprendizagem, respeitando seus tempos, suas curiosidades e formas de expressão.

A pesquisa também mostrou que, embora a ludicidade esteja prevista nos documentos oficiais, como a BNCC e o Currículo da Cidade, ainda existem desafios na prática pedagógica. Em algumas instituições, o brincar ainda é tratado como um momento isolado, o que limita o desenvolvimento infantil e o potencial educativo das brincadeiras. Por isso, é essencial que o brincar seja incorporado ao cotidiano escolar como parte central das propostas pedagógicas.

Portanto, a ludicidade deve ser vista como um eixo que orienta o trabalho do professor da Educação Infantil, e não como um complemento. Brincar é aprender, é descobrir, é criar. É por meio das experiências lúdicas que as crianças desenvolvem autonomia, criatividade e senso crítico, tornando-se capazes de compreender e transformar o mundo à sua volta.

Conclui-se, assim, que o brincar é uma ferramenta indispensável para a formação das crianças e para a construção de uma educação mais humana, acolhedora e significativa. Cabe à escola e aos educadores garantir espaços e tempos de brincadeira que respeitem a infância em sua essência, promovendo aprendizagens verdadeiras, afetivas e cheias de sentido.

Referências

ALENCAR, Crislaine Vieira de Lima; PANA, Raiany Amorim de Oliveira; MACHADO, Rosa Maria Moreira. O lúdico na educação infantil. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 9, n. 6, p. 1968–1985, 2023.

CHAVES, Indionara Silva. O brincar e a ludicidade como fundamentos pedagógicos na educação infantil. 2021. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto Federal Santa Catarina, Palhoça, 2021.

COLETTO, Gabriela de Brum. O brincar e a brincadeira como recurso pedagógico na educação infantil. 2023. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, São Luiz Gonzaga, 2023.

Currículo da Cidade da Educação Infantil, 2022. São Paulo.

GARCIA, Caetano. Ludicidade na educação infantil: qual a importância e como aplicar? Programa Pleno, 2023. Disponível em: https://programapleno.com.br/ludicidade-na-educacao-infantil/

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; et al. O lugar das brincadeiras na Educação. 2017. Fundação Volkswagen, São Paulo, 2017. Disponível em: https://fundacaogrupovw.org.br/wp-content/uploads/2018/12/Apostila-Projeto-Brincar-Materiais-Inclusivos-17-MB.pdf

LIMA, Kayra Thailine Sousa; LIMA, Steffany Samanta Carvalho; Nascimento, Vitória de Jesus. A importância da ludicidade na educação infantil. 2020. São Paulo, 2020.

MENEZES, Maria Rita Cordeiro de. O brincar como parte da aprendizagem: instrumentos didáticos utilizados pelos docentes da educação infantil do município de Caturité, PB. 2013. Paraíba, 2013.

SANTANA, Aline de Souza Viana. A importância do lúdico na educação infantil. 2019. Licenciatura em Educação do Campo. Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2019.

SANTOS, Eliane Brito dos. A ludicidade na educação infantil: perspectivas a partir de uma escola de Lagoa de Dentro/PB. 2016. Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2016.

SILVA, Benedita da Conceição Mendes. A importância do lúdico na educação infantil. 2017. Disponível em: https://monografias.brasilescola.uol.com.br/educacao/a-importancia-ludico-na-educacao-infantil.htm